

Estátua da Rotunda volta à luz do dia esta semana

Um bronze invejável

MARIA JOÃO PINTO (*)

«**E** stá aqui um ano da nossa vida.» Em vésperas de «reinauguração» do monumento a Pombal, Nuno Proença, da Nova Conservação, respira fundo. Tem razões para isso: a missão está praticamente cumprida. Sebastião José, mantendo, embora, a sua expressão austera, está irreconhecível – dir-se-ia mesmo com um bronze invejável –, no topo da colunata que, seis meses volvidos sobre esta clausura forçada, ostenta, hoje, o branco-mais-branco da pedra-líoz.

Decorridos 12 meses sobre os levantamentos iniciais – encetados em finais de Setembro de 94, após convénio pró-restauro entre o município (CML) e o Metropolitano de Lisboa –, a equipa da Nova Conservação preparou-se para prosseguir trabalhos de limpeza na envolvente do monumento. Por essa razão, a estátua de Pombal será devolvida à cidade de forma faseada – *desenbralhada*, num primeiro momento, «dos grupos escultóricos para cima», segundo Nuno Proença –, devendo os tapumes erguidos na sua base manter-se até Novembro.

Uma intervenção de fundo

Tanto tempo?, pergunta-tão os mais impacientes. Na verdade, este trabalho – *picotinas*, à primeira vista – traduziu-se numa luta titânica contra o equilíbrio natural da matéria – o habitual para esta «empresa especializada» em conservação e restauro, desde a sua intervenção de estreia no Chafariz do Rato. No caso do Marquês, um dos problemas prendia-se com o que usualmente se convencionou chamar de *vevidete*. «O bronze é uma liga composta de cobre, chumbo e estanho. E estes elementos, com o tempo, têm tendência a voltar ao seu estado original», como dirá, a propósito, Paola Coghi, técnica italiana envolvida nos trabalhos.

Nesse sentido, explica Nuno Proença, a degradação destes materiais «acaba por corresponder a uma evolução perfeitamente natural», entre fenómenos de sulfatação – «muito comuns em ambientes urbanos» – e de carbonatação das superfícies, com efeitos mais ou menos perigosos.

No caso vertente, o combate à dupla crosta negra/ manchas verdes (sinal de



■ Após seis meses de clausura, Sebastião José e seu parceiro leonino regressam, esta semana, à luz do dia. Com um «bronze» invejável, fruto do trabalho que a equipa da Nova Conservação lhe devotou. Um novo fôlego para o sexagenário monumento a Pombal, no rescaldo desta sua primeira megaoperação de restauro.

que o bronze está a mineralizar-se») ocupou, mesmo, «algumas centenas de horas de trabalho». Porque «não bastava "lavar a cara" ao Marquês; importava fazer, aqui, uma intervenção de fundo, não danosa, a primeira em 60 anos. Por outras palavras, a mínima intervenção possível com uma maximização de resultados. Aí porque existem operações simples, quase tradicionais, que funcionam bem quando aplicadas». Técnicas de limpeza via *laser* não foram, aqui, empregues. Cada segmento levantava uma miríade de problemas específicos, razão pela qual «seria impossível aplicar um único método de uma ponta à outra».

Uma «engenhoca» multifunções

Sendo certo que «a *patina* do bronze sobre a pedra pode alterar completamente a textura de uma peça», Sebastião José contará, a partir de agora, com uma *engenhoca* icóndite a travar novas ocorrências de bronze. Explica Nuno Proença: «Criámos um sistema de recolha e drenagem de águas pluviais. Uma calceira, com dezenas e dezenas de curvas, em aço inoxidável, pintada, de modo a reduzir o seu impacto visual. Porque, apesar de funcional, permanecerá sempre elemento estranho ao monumento. Assumimos plenamente essa escolha, após discussão (acompanhada por Delgado Rodrigues e Fernando Henriques, do LNEC) das várias alternativas que se punham». Uma *engenhoca* multifunções que, segundo Ana Martins, da CML, apenas se encontrava, como elemento de raiz, na estátua de Luís de Camões, ao Chiado.

Quando necessitará o Marquês de novas intervenções deste tipo? «Em Lisboa, nunca foi feito nada deste género. Não existem, pois, dados seguros, a não ser em aplicações industriais, sem grande validade neste caso. Os produtos aplicados têm, porém, determinado prazo de vida, variável entre os cinco, seis, oito anos. Ou, pelo contrário, em situações extremamente agressivas, apenas dois, três anos», refere Nuno Proença. Nesse sentido, a calceira agora instalada só cumprirá funções em pleno «quando os materiais protectivos cessarem a sua acção. Nos próximos anos, operará, por isso e apenas, como ponto de recolha de águas pluviais». Marquês pronto, portanto, para nova temporada.

(*) Com João Lopes Marques